A trajetória intelectual de Stuart Hall: As liberdades complexas do pensar

Liv Sovik - Escola de Comunicação - UFRJ

Como ler Stuart Hall? A variedade de questões, níveis de abstração, tipos de abordagem, de Hall, fazem com que seja lido a partir de muitas perspectivas e disciplinas e sujeito a muitos usos. Suas reflexões sobre imaginários populares britânicos passaram por uma abordagem que ele ajudou a inventar, os Estudos Culturais. Ele próprio os chamou, seguindo Foucault, de formação discursiva, reconhecível e contraditória ao mesmo tempo; outros diriam que os Estudos Culturais são uma disciplina. (Hall, 2006: 188) Valorizou a diáspora como conceito que sintetiza a conjugação de cultura e poder nas "sociedades traduzidas", em contraponto às "de origem", com populações deslocadas, entre as quais situava o Brasil (Hall, 2000). Entendia que as identidades negras, marcadas pelo deslocamento operado pela escravidão e a migração, a falta de garantias e produtividade cultural, eram *"a* experiência moderna representativa" (Hall, 1993: 134). Voltava-se com frequência ao tema do lugar do pensamento em processos de mudança social (Hall, 2006: 202-205; Hall, 2007: 287-288) e desenvolveu um estilo que divergia, às vezes mais do que parece à primeira vista, das técnicas tradicionais do trabalho acadêmico (Sovik, 2015). Sua dedicação às artes visuais, no final da vida não era uma ruptura com o trabalho anterior, pois entendia que artistas, como as sociedade traduzidas, transformam legados, reescrevem modernidades de acordo com condições locais; que a estese era crescentemente central na vida contemporânea (Hall, 1997; Hall e Majarat, 2002); que a produção simbólica e os movimentos da sociedade eram inextricavelmente ligados.

Quem era Stuart Hall? Quais são os problemas aos quais se dedicou? Responder a essas perguntas tem o intuito de ajudar seus atuais e futuros leitores a entrar na complexidade e riqueza de seu trabalho.

***

A academia é avessa aos heróis, pois na experiência da maioria dos universitários, uma vida pessoal movimentada atrapalha mais do que ajuda na tarefa do estudo e da reflexão. Parece relevante à sua obra o fato que Kant vivia de acordo com uma rotina rígida, que incluia sempre uma caminhada às cinco da tarde. Quando o oposto dessa calma existe, passa-se rapidamente por cima dos fatos: quem se preocupa com a fase sadomasoquista de Foucault? Deleuze coloca a questão de forma precisa, quando diz que "As vidas dos professores raramente são interessantes.

Claro, há as viagens, mas os professores pagam suas viagens com palavras, experiências, colóquios, mesas-redondas, falar, sempre falar. [...] é preciso não se mexer demais para não espantar os devires." (Deleuze, 1992: 171-172) O que fazer, então, com a figura de Stuart Hall, em constante mutação, um jovem da Jamaica colonial chegando como estudante na Inglaterra, ativista antinuclear e editor da revista britânica *New Left Review,* professor e pensador sobre cinema e educação, fundador – por mais que resistisse à paternidade deles – dos Estudos Culturais e, na fase final da vida, crítico, amador e promotor das artes visuais "fora do eixo", associadas com a "diversidade"? A constante referência às circunstâncias coloniais e anti-coloniais de sua formação, e pós-coloniais e britânicas de sua maturidade, fizeram com que seu discurso crítico, nas palavras de Silviano Santiago, estivesse "dentro e fora do teórico, dentro e fora do autobiográfico". (Santiago, 2014:) Ou seja, era constitutivo de seu pensamento o fato que Hall não podia voltar tranquilamente à Jamaica nem tornar-se um britânico que falasse em "nós", conforme comenta em entrevista sobre sua atuação no *New Left* nos anos 50 (Hall, 2006: 397).

Se considerar a obra e não a vida de intelectuais tem o intuíto de entender melhor o que eles dizem, a exceção de Stuart Hall se deve a ele mesmo visibilizar o processo e as condições ou determinações de suas reflexões. Seu pensamento é intrinsicamente contextualizado - o oximoro é proposital. Assim, a pergunta "quem era?" adquire uma importância incomum para entender seu pensamento e o impacto que teve no Brasil. Impacto que se comprova pelo sucesso da coletânea *Da diáspora* (2006), que se esgotou quatro meses depois de lançada em 2003 e continua vendendo bem até hoje; e pela venda de mais de 40 mil cópias do longo ensaio panorâmico, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2014), lançado em 1996. Em uma entrevista feita em 2004, ele atribuia o sucesso de sua obra no Brasil

> ao fato de que o Caribe tem uma relação com as culturas européias muito parecida com a do Brasil. E esse é o tema subjacente de quase todos os meus trabalhos. No fundo sempre escrevo sobre isso. É do que estou falando quando escrevo sobre a hibridização, sobre a creolização, sobre a diáspora. Creio que, no Brasil, as pessoas se sentem muito tocadas por esse tema. (Buarque de Hollanda; Sovik, 2013: 209)

É incontornável, então, entender Hall a partir de suas raizes caribenhas e sua dupla condição diaspórica: de afrodescendente no Caribe, de caribenho e depois negro na Grã Bretanha.

PEQUENA BIOGRAFIA

Hall nasceu em Jamaica em 3 de fevereiro de 1932, caçula de três filhos do mais alto funcionário negro da United Fruit Company, em Jamaica, e de uma mulher que tinha sido criada por uma tia ligada à elite colonial local. Segundo ele, sua mãe aspirava a ser inglesa, vivia em um mundo de fantasia, enquanto o pai queria que o jovem Stuart fosse atleta e entrasse, como ele imaginava ter entrado, na alta sociedade local branca ou quase branca. "Os avós dela eram brancos", Hall disse sobre sua mãe em um programa de rádio: não "meus bisavós", mas os avós da mãe dele (Lawley, 2000). Hall falava de uma ascendência misturada, africana, indiana, portuguesa, judia e inglesa (Hall, 2006: 385). Cursou o melhor colégio de Kingston, foi excelente aluno, mas vivia em conflito com as ambições da mãe e os sutis esquemas de avaliação e valorização racistas (apelidados de *pigmentocracy*) da Jamaica dos anos 1930 e 1940. Tornou-se antiimperialista e independentista, sob a influência de seus professores e colegas.

Essas influências políticas e intelectuais são mencionadas por ele, mas as histórias que repetia, como motivo de posições teóricas e políticas, eram sobre sua formação familiar:

> Eu era o membro mais escuro da minha família. A história que sempre foi contada em minha família como uma piada, era de que quando nasci, minha irmã, que era muito mais clara que eu, olhou dentro do berço e disse: "De onde vocês tiraram esse bebê *coolie*"? Ora, "*coolie*" é a palavra depreciativa na Jamaica que designava um indiano pobre, considerado o mais humilde entre os humildes. (2006: 386)

Assim, viveu "as tensões coloniais clássicas como parte de minha história pessoal" (2006: 387), e procurou resolver essas tensões, não pela última vez, através de identificações e atuações políticas ainda em Jamaica. Mas também não pela última vez, se deu conta na juventude da existência de interconexões submersas entre diversas instâncias e instituições de poder. Contava esta história:

> Quando fiz dezessete anos, minha irmã teve um colapso nervoso. Ela começou um relacionamento com um estudante de medicina que veio de Barbados para a Jamaica. Ele era de classe média, mas era negro e meus pais não permitiram o namoro. Houve uma tremenda briga em família e ela, na verdade, recuou da situação e entrou em crise. De repente me conscientizei da contradição da cultura colonial, de como a gente sobrevive à experiência da dependência colonial, de classe e cor e de como isso pode destruir você, subjetivamente.
> [...] Isso acabou para sempre com a distinção entre o ser público e o ser privado, para mim. (2006: 390)

Hall chegou por essa via ao grande mote do feminismo dos anos 60, "*the personal is political*", que entende que problemas pessoais podem estar ligadas a questões de poder em maior escala. A história de Hall e sua conclusão ilustram também a maneira em que percebe que as identidades raciais e de gênero se entretecem e se condicionam. Mais tarde, falou ainda de como elas são semelhantes: "Tanto no caso de gênero, quanto no de racialização – seja o último concebido basicamente em termos genéticos e biológicos, ou étnicos e culturais – é a *Natureza* que muda o jogo: é o significante silencioso, *o* referente através do qual o sistema de hierarquias se representa como 'natural' e fechado." (Hall, 2000: 10)

Sensível às tensões sociais jamaicanas, engajado em discussões anticoloniais, não é de se surpreender, que ao desembarcar na Inglaterra em 1951, com bolsa para estudar Letras de Língua Inglesa em Oxford, Hall tenha descoberto que esse lugar da elite tradicional britânica também não era dele. Nos primeiros três anos, de graduação, conviveu com outros bolsistas com o mesmo perfil anticolonialista e de esquerda, a nova intelectualidade que constituiria os quadros das novas nações independentes do Caribe. Na segunda fase dos anos em Oxford, que duraram até 1957, conviveu com pessoas de uma esquerda intelectual local, também, com quem fundou uma revista que depois se fundiria com outra, para formar a *New Left Review* em 1960. É nesse meio social, crítico ao stalinismo e ao imperialismo, que recebeu as notícias da invasão soviética da Hungria para derrubar o movimento democrático em agosto de 1956 e, no final do mesmo mês, da invasão britânica da zona do Canal de Suez em defesa de interesses coloniais. É desse momento e o impacto dele sobre o Partido Comunista britânico que nasceu a Nova Esquerda britânica, da qual a *New Left Review* foi um importante fórum.

Hall militou no movimento pelo desarme nuclear, criado como resposta à Guerra Fria e a ameaça de destruição mútua das grandes potências. (Foi em uma manifestação da Campaign for Nuclear Disarmament - CND em 1964 que conheceu sua mulher Catherine, com quem casou no mesmo ano e teve dois filhos.) As descolonizações formaram uma série, nesse periodo, embora tenham começado antes, com os gigantes India, que se tornou independente em 1947; China, em 1949 com a vitória da revolução comunista; e Indonésia, depois de quatro anos de guerra, também em 1949. Os países menores ganharam independência na época em que Hall se envolveu com a Nova Esquerda: Gana em 1957, as colônias francesas ao sul do Saara em 1959, Jamaica em 1962, sem falar da guerra pela independência de Argélia que tanto marcou a França e foi iniciado em 1954. E da luta dos negros americanos pelos seus direitos civis nos Estados Unidos, que começou com a decisão da Corte Suprema contra a segregação das escolas em 1954, atingiu seu auge em meados dos anos 60 e terminou em 1968 com nova legislação e o assassinato de

Martin Luther King. Tudo isso significou uma transformação na cultura política mundial entre 1947 e 1967, anos em que Hall tinha entre 15 e 35 anos de idade. De um lado, o valor da auto-determinação dos povos e o descentramento da Europa como referência civilizatória; de outro, o advento de uma globalização baseada na migração e nos efeitos de simultaneidade dos meios de comunicação.

Hall disse certa vez que sua forma de pensar seguia o padrão do cavalo no xadrez: dois para frente, um para o lado ou vice versa. Seu olhar se deslocava das grandes questões políticas para o familiar, o cotidiano, o cultural, para as formas de entender o momento histórico que pudessem abrir possibilidades para a vida. Hall começou a dar aula para adultos logo depois de mudar-se de Oxford a Londres em 1957. Além de editar e contribuir para revistas, escreveu um livro, *The Popular Arts* (1964), em co-autoria com Paddy Whannel, que trabalhava no British Film Institute. Sua intenção era de ajudar professores a usar filmes – inclusive de Hollywood - em sala de aula, de incluir a cultura de massa no processo educativo. *The Popular Arts* foi uma obra marcada pela transformaçao da sociedade britânica. A estratificação por classe social ruia em consequência da Segunda Guerra Mundial, que misturava todos e todas no esforço da guerra e em abrigos antibomba, levou parte da população infantil ao campo para evitar os bombardeios e da população feminina ao mercado de trabalho, implicou em racionamento de bens de necessidade básica até os anos 50 e colocou a grande questão do bem-estar social da população de forma visível e concreta. É no período pós-guerra que a indústria cultural cresce e os gostos de elites e classes populares começam a convergir. Com isso, foi abalada a fé na alta cultura, ou seja na educação que treina a capacidade de ler textos canônicos, como salvação da popular. Esse processo é global, começa décadas antes mas se consolida nos anos 60, com o *boom* da indústria cultural, da moda, da publicidade, das subculturas e da nova importância da juventude.

Os destinos da cultura popular em um momento em que ela estava em questão foi o tema central de pesquisa nos primórdios dos Estudos Culturais, que ganharam o nome do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos fundado na Universidade de Birmingham em 1964 e que Hall dirigiu de 1968 a 1979. A premissa era a mesma de *The Popular Arts*: que existe uma multiplicidade de valores culturais e que as distinções não precisam seguir hierarquias estabelecidas. Começou-se a pensar a cultura a partir de sua economia e burocracias, de como ela cria consensos que mantém as hierarquias sociais, inclusive as de gênero e raça. Mais tarde, Hall disse que o Centro era uma "estufa", com alunos brilhantes. Quis ver se a experiência podia ser transferida para um espaço como a Open University, para onde se mudou em 1979

e cujo objetivo era a educação superior de adultos por meio de cursos semi-presenciais, em que os alunos se encontravam periodicamente por alguns dias mas estudavam em casa com o auxílio de transmissões pela televisão aberta, em horários em que não havia programação normal, como as cinco horas da manhã. Se Hall preferia o trabalho coletivo, como demonstra o trabalho em co-autoria do centro de Birmingham, esse aspecto continuou, mas é a partir desse momento que ele se torna conhecido do público, seja por causa das transmissões na televisão, seja pela coluna que escrevia durante a década de 80, na revista *Marxism Today*, do Partido Comunista, cuja influência extrapolava em muito o setor partidário.[1]

Os anos 80 são o momento em que os Estudos Culturais se divulgam e ficam conhecidos no exterior. É nesse período também que Hall coloca no centro de seu trabalho o interesse por identidades raciais. É palpável a preocupação que teve, até então, de reconhecer a importância das relações raciais, mas de não se deixar enquadrar e isolar como "pensador negro", especialista em assuntos negros. O resultado desse cuidado é que o díptico de fotos de Dahwood Bey na capa do livro *Da diáspora* pegou a maioria dos leitores de Hall de surpresa: quem o leu antes de 2003 muitas vezes não sabia que era negro. Mas a vivência da sociedade britânica das primeiras décadas é chave para entender seu conceito de identidade, assim como seu olhar "deslocado" (palavra de Hall) sobre a sociedade em que vivia.

Em 1987, lembrou do problema que teve de se explicar diante de duas "perguntas clássicas que todo migrante enfrenta: 'Por que está aqui?' e 'Quando vai voltar para casa?'" (Hall, 1993: 134). Com relação à segunda pergunta, disse, quando se ouve pela primeira vez "o – ou a - migrante sabe que, no sentido mais profundo, nunca vai voltar. A migração é de ida sem volta. Não há uma 'casa' à qual voltar". (1993:135) Mas é a resposta à primeira pergunta que explica o conceito de identidade ao modo de Hall, não como essência nem invenção, mas negociação que contorna pressões e constitui um ponto de partida para certa interlocução com o contexto efetivo.

> "Por que você está aqui" é uma pergunta muito interessante à qual nunca consegui encontrar a resposta certa. [...] Sei o que se espera que responda: "para estudar", "por causa dos filhos", "para uma vida melhor, com mais oportunidades", "para alargar os horizontes", etc. A verdade é que estou aqui porque é onde minha família não está. Vim aqui para fugir de minha mãe. Não é a história universal da vida? A gente está onde está para tentar fugir de outro lugar. Essa é a história sobre mim mesmo que nun-

1 Para mais informação sobre a surpreendente popularidade dessa revista, ver http://www.amielandmelburn.org.uk/collections/mt/index_frame.htm.

> ca podia contar aos outros. Por isso, tive que encontrar outras histórias, outras ficções, que eram mais autênticas ou, pelo menos mais aceitáveis, para substituir a Grande História da evasão infindável da vida familiar patriarcal. Quem sou – o eu "verdadeiro" – foi formado em relação a todo um conjunto de outras narrativas. Eu estava consciênte de que a identidade é uma invenção desde o início, muito antes de compreender isso tudo teoricamente. A identidade é formada no ponto instável onde as histórias "indizíveis" da subjetividade se encontram com as narrativas de uma história, de uma cultura. (1993: 135)

Hall era marcado por um desencaixe, um "não estar em casa" na Jamaica e com sua família, mas entendeu que isso era uma condição comum, na medida em que migrantes como ele migravam para lugares em que sua cultura ou opções não eram reconhecidas.

A pobreza e a discriminação contra minorias étnicas e raciais começou a ser um assunto no início dos anos 80, na Grã Bretanha. Houve motins em 1981 em bairros onde havia tensões raciais em quatro cidades inglesas. Não era pela primeira vez: houve um motim de fundo racial em 1958 no bairro londrino de Notting Hill e Hall se envolveu, com a Nova Esquerda, na organização política de moradores do bairro. Mas nos anos 80, depois das pressões dos anos 70 (sobre as quais Hall chegou a escrever um livro, discutido mais adiante neste artigo), uma geraçao de artistas nascidos na Grã Bretanha havia surgido. Ela apresentava os novos dilemas de viver entre a tradição cultural, representada pelos pais que migraram, e os valores da sociedade circundante e da juventude e mostrou a toda a sociedade a existência e permanência como parte da nação de pessoas não brancas. O filme *My Beautiful Laundrette* (1985), de Stephen Frears com roteiro de Hanif Kureishi, é paradigmático dessa nova sensibilidade. A trama tematiza a inserção social de migrantes e de seus filhos, as relações intergeracionais, a homossexualidade e o racismo.

A partir desse cenário, em meados dos anos 80 Hall começou a focar na identidade, para descrever criações coletivas que dialogam com ou juntam, "suturam", necessidades subjetivas com um dado contexto social e político. A juventude descendente de migrantes estar encaixada e desencaixada da cultura local, ter um olhar que observa desde dentro e fora ao mesmo tempo, a sensação que ele mesmo sentiu, quando jovem, de estar deslocado das instituições em se esperava que se afirmasse,[2]

2 Em 2003, observou para uma plateia majoritariamente caribenha, de uma nova geração:

> Até sair de Jamaica em 1951, não entendia de onde vinha meu deslocamento. Achava que era um problema pessoal, principalmente. Só muito mais tarde descobri que essa sensação de deslocamento foi experimentada por toda uma geração de pessoas intelectuais do Caribe no final do Império. [...] quando falo 'deslocado', estou falando de coisa séria. Estou falando de nunca me sentir uno com as expectativas de minha família; do tipo de pessoa que devia me tornar, do que devia fazer com minha vida. E de deslocamento do próprio povo – da massa de pessoas jamaicanas. (Hall, 2007: 273)

a impressionante riqueza cultural que sai dessa situação incômoda: isso é o que motiva sua teoria de identidade, em que aciona noçoes derridianas de estar "sob rasura" e de *différance* para pensar a complexidade da situação diaspórica em que se inseriu, por meio de uma bolsa em Oxford e não por motivos econômicos como a maioria.

Depois de se aposentar da Open University em 1997, Hall se reinventou no setor das artes. Presidiu o conselho de duas instituições: Autograph, associação de fotógrafos negros (http://autograph-abp.co.uk/) e InIVA, Institute of International Visual Arts (http://www.iniva.org) cujo propósito era o fomento das artes visuais "diversas" do padrão dos museus e instituições estabelecidos. Hall teve um papel importante no debate visando a abertura da cena londrina não só ao valor da diversidade populacional (daí ser chamado, meio a contragosto, de "padrinho do multiculturalismo"), mas à produção artística de setores não brancos, de origens não europeias, globalizados "desde baixo".. Morreu no dia 10 de fevereiro de 2014 aos 82 anos, aposentado também dessas funções, mas envolvido com amigos e colegas, notavelmente a geógrafa Doreen Massey e o sociólogo Michael Rustin, na produção de uma crítica ao neoliberalismo na sua fase atual. Escreveram:

> Tem que haver uma ruptura fundamental com os cálculos pragmáticos que desfiguram o pensamento político atual. São os mapas, não os fatos, que se desintegraram. A própria ordem neoliberal tem que ser colocada em questão e alternativas radicais a seus pressupostos fundacionais, avançadas. Nossa análise sugere que esta é a hora para mudar os termos do debate, reformulando posições, tomando uma perspectiva de longo prazo, dando um salto. (Hall, Massey e Rustin, 2013: 18)

Pode parecer uma volta às origens, um recuo para o economicismo marxista que ele nunca havia abraçado. Mas, de novo, é o trânsito livre de Hall a partir de sua preocupação com entender o momento em que estava vivendo que explica o novo e velho interesse, assim como sua despreocupação em explicar por que, aparentemente, mudou de foco. Mas é explicável: em 2007, Hall deu uma entrevista ao sociólogo Les Back, em que discutiu seu trabalho com raça. Finalizou a entrevista dizendo que a questão atual é o crescente *gap* entre os ricos e pobre.

> Só raça, como linha pela qual o campo é dividido, não sustenta mais sozinha a forte sensação de diferença que as lutas contemporâneas polarizam. Você tem que expandir esse conceito para saber como a diferença participa da forma em que ricos e pobres têm, agora, que negociar um espaço comum, uma vida comum. (Back, 2009: 688)

HALL O TEÓRICO

Além de visibilizar, como intelectual, o trânsito entre seu pensamento, sua vida e as demandas do contexto, Hall tem uma segunda diferença de outros pensadores: apesar de produzir teoria, não se entendia como teórico.

> ...com certeza não acho que minha tarefa é produzir teoria. Abriria mão da teoria se pudesse. O problema é que não posso. Você não pode. Porque o mundo se apresenta no caos das aparências e a única forma de compreendê-lo, recortá-lo, entender o suficiente para fazer algo para afetar a conjuntura atual que enfrentamos é usar as ferramentas disponíveis para arrombar a barreira das aparências coaguladas e opacas: conceitos, ideias, pensamentos. (Hall, 2007: 277)

A teoria serve, então, para analisar as conjunturas em que se vive. Em "O problema da ideologia: O marxismo sem garantias", de 1983, ironiza o "pós-marxismo" para não se envolver em detalhe com ele. "Não pretendo traçar novamente as reviravoltas dessas recentes disputas, nem tentar rever a teorização intrincada que as acompanhou", escreveu (Hall, 2006: 248). E procede com uma definição singela da teoria:

> Em vez disso, pretendo situar os debates sobre a ideologia no contexto maior da teoria marxista como um todo. Pretendo também postulá-lo como um *problema* geral – um problema teórico, por ser também um problema político e estratégico. (Hall, 2006: 248-249)

A teoria é uma resposta a um problema (a ênfase é de Hall), que se coloca quando se tenta entender o que está acontecendo na sociedade. Sua necessidade emerge na consideração de problemas estratégicos e políticos. Em outros textos, reiteradamente, Hall procura evitar, com relação a essa definição política da teória, o ativismo pragmático (quando se teoriza para justificar ou induzir a uma ação específica) e voluntarista (quando estar do "lado bom" de um conflito leva a crer que a vitória é seguro – o que Hall chama de contar com "garantias"). Por outro lado, não valoriza o jogo teórico em si (veja a crítica ao pós-marxismo) e nesse sentido evita de se chamar de teórico.

A dimensão política do trabalho teórico não nasce da vontade dos teóricos, simplesmente, mas do que Hall chama de interrupções. O trabalho intelectual, diz ele, é atingido por movimentos sociais, que "provocam momentos teóricos" (Hall, 2006: 198). Hall chama de "política da teoria" a luta pelo verdadeiro no meio às instituições, universitárias e outras, em que o impacto dos discursos tem a ver com autoridade, posição, os recursos disponíveis e o alcance dos discursos.

Nos rimórdios do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, entre sua fundação em 1964 e o início dos anos 70, o tema do momento era o universo da mídia e da cultura de massa (não é por acaso que as primeiras faculdades de Comunicação do Brasil foram fundadas nessa mesma época). A primeira versão publicada de "Codificar/decodificar" (Hall, 2006), o clássico texto de Hall sobre a produção, circulação e recepção dos produtos dos meios de comunicação, data de 1970. Também nessa época escreveu sobre fotojornalismo e a reprodução de valores na televisão. Como vimos, em meados dos anos 80, Hall transfere sua atenção para questões de identidade. Mais tarde ainda, o nome que ele dá ao que lhe interessa não é mais a mídia, a cultura popular e de massa; nem as identidades como projeto de futuro; mas a "diáspora" como produtora da inovação cultural e de um futuro em que as pessoas possam viver laços de pertencimento social sem ter que reprimir sua diferença. Mas se há mudanças, há também continuidades com as discussões dos anos 70. As vertentes de estudos dos grandes meios de comunicação e a cultura em seu entorno, de um lado, e das identidades culturais, de outro, desaguam nas relações de poder e a geração de lealdades, consensos, identificações, arte e cultura: no que Hall chama a questão paradigmática da teoria da cultura, das relações entre o simbólico e o social (Hall, 2006: 206).

UM ESTUDO CULTURAL

Um estudo cultural que faz a ligação entre os estudos de mídia e ideologia de um lado e identidades, de outro, foi *Policing the Crisis* (Hall et alii, 1978), escrito por Hall e quatro estudantes de posgraduação. Inovou ao prever a subida da Direita de Margaret Thatcher ao poder, e em sua forma de analisar a questão do racismo na Grã Bretanha. O livro partiu de um pânico moral promovido pela imprensa, em torno de um assalto particularmente brutal, feito por jovens brancos em março de 1973, e a culpabilizaçao da juventude negra, que seria composto de assaltantes em potencial e contra quem a polícia agia com base em uma lei que permitia que parasse qualquer um, sob a alegação de ser suspeito: "*the sus laws*". O novo discurso racista da época passava por uma articulação – que para Hall é produzida por uma determinação mútua de instâncias sociais analiticamente separáveis (2006: 336) - do judiciário e aparato policial, da imprensa e opinião pública, em dado momento histórico do país em que se constatou, em nível popular, o fim do império britânico.

Através da análise de conjuntura e da articulação desses elementos, Hall e os co-autores de *Policing the Crisis* colocaram "raça" e a discrimi-

nação racial em contexto, perguntando sobre seus sentidos mais amplos, conectando a política, a polícia, a história. Sobre esse livro, Hall disse:

> se tivéssemos entendido raça como uma questão negra se veria o impacto de políticas de repressão policial sobre as comunidades locais mas jamais o grau em que a questão de raça e crime era um prisma para uma crise social maior. Não se enxergaria essa questão maior. Teríamos escrito um texto negro, mas não um texto de Estudos Culturais, porque não exporia a articulação que remonta aos políticos, entra no judiciário e os tribunais, desce até o humor do povo, entra na política, assim como na comunidade, na pobreza dos negros e na discriminação. (Drew, 1999: 234)

Hall se posiciona contra a autonomização da "questão racial", como é chamada no Brasil a discussão da desigualdade e discriminação raciais. Quer que a relação desta com outras questões seja observada, mas isso não quer dizer que ele a dê menos importância ou a subordina sempre a outras questões. É a partir dessa perspectiva, da recusa em separar a questão racial das outras questões de convivência social, que, dando palestras, durante a madrugada, na televisão aberta em cursos da Open University e participando de debates públicos e televisivos sobre questões político-culturais e das artes, Hall teve um impacto enorme sobre a criação de uma Londres e talvez uma Grã Bretanha que se entendesse, pelo menos parcialmente, como multicultural e multiracial.

HALL DIASPÓRICO

O trabalho de Hall é marcado pelo que chegou a identificar - depois de se dar conta da inviabilidade a longo prazo da identidade de imigrante (pois não há "casa" à qual voltar) - como negritude.[3] A fuga do ideario colonialista de sua família fizeram de Hall um imigrante na Grã Bretanha. Ao mesmo tempo que ingressou em Oxford, aportava uma onda de migrantes caribenhos de classe popular. Assim, anos mais tarde, Hall passou a assumir a identidade negra criada nos anos 70 por esses imigrantes em aliança com outros (inclusive asiáticos) que se autodenominavam "*black*" no esforço de econtrar um lugar para si na sociedade britânica. Relata esse processo nos seguintes termos:

> Várias vezes durante meus trinta anos de vida na Inglaterra, tenho sido chamado ou interpelado como "pessoa de cor", "*West Indian*", ou seja, das Índias Ocidentais, "preto" [*Negro*], "negro" [*black*] ou "imigrante". Algumas vezes na rua; às vezes nas esquinas; às vezes abusivamente;

3 Sobre a produtividade política da identidade negra, veja "Pensando a diáspora" (Hall, 2006: 25-48). Sobre a elisão da identidade negra de Hall no Brasil - e a pouca leitura dele além de "Codificar/decodificar" e *Identidades culturais na pós-modernidade*, veja "Pensando com Stuart Hall" (Sovik, 2011).

> às vezes amistosamente; outras vezes ambiguamente. (Um amigo meu negro foi disciplinado pela organização política a que pertencia por "racismo" pois, para escandalizar a vizinhança, toda ela branca, na qual nós dois vivíamos quando estudantes, ele vinha até minha janela tarde da noite e, do meio da rua, gritava bem alto: "Preto!", só para chamar minha atenção!). Todos eles me inscrevem "no lugar" da cadeia de significantes que constrói identidades através de categorias de cor, etnia e raça. (Hall, 2006: 176)

Percebe-se a distância que Hall sente do lugar que lhe é destinado, pois é predeterminado. Somente com o termo "diaspórico", que começa a usar nos anos 90, ele encontrou uma maneira de representar não só a negociação entre as identidades atribuída e assumida, mas a conciliação com a tensão dos diaspóricos, sempre um pouco fora de lugar mas ainda adaptando e assim produzindo cultura para sobreviver. Descobre, em 1987, que "na idade pósmoderna, vocês todos se sentem dispersos e eu me torno centrado. O que pensei como disperso e fragmentado se transforma, paradoxalmente, *na* experiência moderna representativa!" (Hall, 1993: 134). Não é só que todos e todas estão deslocados, mas que se processa um reconhecimento de uma condição geral. "O que o discurso do posmoderno produziu não é algo novo, mas uma espécie de reconhecimento do que a identidade sempre foi" (Hall, 1993: 134).

É como diaspórico que Hall se relacionava com o Brasil. Quando veio em 2000 para abrir o 7º. Congresso da ABRALIC Associação Brasileira de Literatura Comparada, em Salvador, falou sobre "Diásporas, ou a lógica cultural da tradução cultural" (Hall, 2000). Na palestra, concebeu a colonização não como efeito unilateral da força europeia, invadindo espaços, mas como um evento histórico mundial. Isso desloca o foco histórico da Europa moderna para as periferias globais. Não festeja a diversidade cultural da periferia, como tantos arautos da globalização da cultura, mas a compreende como produto da recusa e persistência de povos longe dos centros metropolitanos do poder. Ao mesmo tempo Hall identificou no racismo, assim como nos discursos sobre gênero e sexualidade, as exceções "à regra pela qual a diversidade é compreendida como produto cultural. O racismo e o sexismo são eficazes em sua naturalização da diferença e foram, portanto, cruciais para a colonização e os sistemas de poder pós-coloniais."

Terminou valorizando as sociedades que reconhecem ser marcadas pelas populações dispersas pela escravidão e pela migração: elas são por natureza modernas.

> As culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças da globalização, diversidade e hibridização, ou que fracassaram de acordo com a atual definição do projeto de modernização, podem ficar tentadas a se fecharem em suas inscrições nacionalistas e a construírem muros contra o exterior. A alternativa não é agarrar-se a modelos fechados, unitários, homogêneos de "pertencimento cultural", mas começar a aprender a abraçar processos mais amplos – o jogo de semelhança e diferença – que estão

> transformando a cultura no mundo. Este é o caminho da "diáspora", o caminho de um povo moderno e de uma cultura moderna. (Hall, 2000: 10)

Na mesma entrevista "Desert Island Discs" para a radio BBC (Lawley, 2000), fez uma avaliação mais concreta do multiculturalismo britânico. Não avançamos muito? Sim, ele disse, é importante que hoje "negro britânico" seja uma identidade reconhecível. Mas, continuou, ainda demorará para existir uma cultura onde a diferença é um valor. Onde se reconhece que nenhuma identidade é completamente aberta, universal, nenhuma pode ser garantida em sua particularidade, mas que a abertura e a mutação são aceitas em um processo em que todos reconhecem e valorizam a diferença.

É evidente a pertinência do pensamento político-cultural de Hall à sociedade brasileira, com suas aberturas e fundamentalismos, seu racismo e vivência de heranças culturais não europeias. Mas aqui o importante não é exercer a análise de conjuntura à moda de Hall, mas, depois de observar o quadro em que o pensamento e o pensador não descolam um do outro, ainda formular algumas lições ou princípios sobre como pensar. Ele sempre quis ser professor e se orgulhava de sê-lo, mas o que nos ensina de útil para nosso trabalho intelectual? Como aprender de sua dupla voz, pessoal e teórico, situado em um tempo e lugar e ao mesmo tempo "transplantável" para outros?

HALL O MESTRE

"Faço um trabalho intelectual teoricamente informado", disse em uma entrevista a mim e Heloisa Buarque de Holanda para o *Jornal do Brasil* em 2005. "Meu objetivo é usar a teoria para analisar conjunturas. Não sou um teórico no sentido abstrato" (Buarque de Hollanda e Sovik, 2013: 212). São pelo menos duas consequencias da perspectiva inusual de Hall sobre a teoria. Uma é que nos faz perguntar sobre a conjuntura em que escrevem outros autores de teoria e as maneiras em que suas teorias se dirigem a problemas conjunturais. Outra é a falta de interesse pelas disciplinas, colocando em questão o que constitui uma evidência, em um argumento. Por exemplo, para Hall, o cinema não é, em si, objeto de interesse, mas entra em seus argumentos sobre educação e cultura, identidade e diferença, cultura visual; Hall não tem uma teoria do cinema enquanto tal. Isso levanta questões de método: o cinema é evidência de quê, para Hall? É sinal dos tempos de que maneira? E de conceito: o que é o cinema, para ele? Se adotarmos a conjuntura como nosso objeto, fazendo perguntas sobre como entender determinado aspecto dela, quais são as regras do jogo, na produção de conhecimento?

Por outro lado, se Hall se exclui do panteão dos teóricos, não é por falta de ambição. "Sou um intelectual ativista no sentido de que eu sempre quis que meu trabalho intelectual marcasse uma diferença, registrasse e compartilhasse debates, fizesse contribuições para mudar uma conjuntura, mudasse as disposições dos interesses ou de forças políticas". Vemos ai uma vontade de convencimento e, ao final, uma percepção da especificidade, talvez a fragilidade, do terreno a partir do qual escreve: "Não sou de partido político, não sou um político, não sou jornalista, *dependo do meu trabalho intelectual para tornar minha crítica ativa politicamente*." Hall entende que um discurso que intervém em um debate pode transformá-lo. "A identidade me interessa", disse, porque a identidade é a fonte da agência em ação" (Hall, 2013).

Em segundo lugar, Hall não esquece da mutabilidade das situações em que vivemos, daí – além do "giro linguístico" – a utilidade de pensar com metáforas. Estruturou com metáforas "Os Estudos Culturais e seu legado teórico" (2006: 187-204), seu último texto sobre os rumos dos Estudos Culturais: a metáfora bíblica de "lutar com os anjos" para descrever a relação agônica, respeitosa e marcante entre os estudiosos e seus interlocutores teóricos; a metáfora do intelectual orgânico gramsciano como uma espécie de mito ou ficção-guia; a metáfora da textualidade da cultura etc. Quais são as metáforas que nos conduzam, quais descrevem nosso trabalho? A leitura de Hall nos pede essas respostas.

Um risco que se corre com abordagens não convencionais à teoria é do subjetivismo; ainda mais com um modelo que incorpora o biográfico. Sobre esse risco, Hall disse:

> A ênfase importante e crítica sobre "o pessoal é o político", "o subjetivo é importante" significa que a você é autorizado a injetar sua experiência pessoal no seu trabalho intelectual. Existem virtudes, nessa perspectiva, porque desmonta a velha linguagem objetivista que todos costumávamos falar (como ventríloquo): classe social, estrutura etc. Mas temos que ter consciência da forma específica de nossa existência. As ideias não são simplesmente determinadas pela experiência; é possível ter ideias fora da própria experiência. Mas precisamos também reconhecer que a experiência tem uma certa forma e se a gente não está disposta a refletir muito sobre os limites de sua experiência (e a necessidade de fazer um deslocamento conceitual, uma tradução, para levar em conta experiencias que não teve, pessoalmente) provavelmente falará a partir do continente de sua própria perspectiva, de forma bastante acrítica. (Chen, 1996: 401)

Note-se o "provavelmente": nem no erro há garantias. A antídota ao subjetivismo é, para ele, a preocupação em entender os limites da própria percepção. Na prática, ele recorria à compreensão da história do presente, das condições acumuladas através da história que delimitam ou condicionam as possibilidades em dada conjuntura. É importan-

te entender-se historicamente, no horizonte do que já existiu e continua fazendo efeito na sociedade.

No Brasil, alguns textos de Hall são muito lidos, outros apresentam maior dificuldade. A dificuldade passa pelas referências culturais e políticas diferentes, de Hall, retiradas do mundo anglófono, e pela construção reflexiva de suas ideias. Comecei a pensar que talvez a dificuldade de entende-lo é que seus textos são menos construções lógico-dedutivas do que canções. Eles não apresentam uma estrutura retilínea, uma grade através da qual podemos perscrutar as coisas. Talvez Hall devesse ser medido pelo que ele escreveu sobre a cultura negra: "Os povos da diáspora negra, em oposição a tudo isso [a centralidade da escrita para a crítica logocêntrica], encontraram a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música." (Hall, 2006: 324) Hall examinava temas de diversas perspectivas, como se estivesse produzindo variações em tensão uma com a outra. Escutava outras pessoas, autores e teorias, tratando-os como parceiros na improvisação, assumindo seus temas, abrindo espaço para seus solos, respeitando suas forças. E com tudo isso, para mim, parecia fazer algo extremamente importante, sintonizado com a poética redentora do reggae e as liberdades complexas do cool jazz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACK, Les. (2009) At Home and Not At Home: Stuart Hall in conversation with Les Back. *Cultural Studies*, Vol.23, No.4, p.658-688.

CHEN, Kuan-Hsing. (1996) Cultural studies and the politics of internatinalization: an interview with Stuart Hall. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies.* London: Routledge, p.392-408.

DELEUZE, Gilles. (1992) *Conversações*. São Paulo: Editora 34.

DREW, Julie. (1999) "Cultural Composition: Stuart Hall on Ethnicity and the Discursive Turn" (entrevista com Stuart Hall). *In* OLSON, Gary A. e WORSHAM, Lynn (orgs.). *Race, Rhetoric and the Postcolonial.* Albany, NY: State University of New York Press.

HALL, Stuart e MAHARAJ, Sarat. (2002) *Modernity and difference*. Londres: InIVA.

HALL, Stuart et al. (1978) *Policing the Crisis:* Mugging, the State and law and order. Londres: Palgrave Macmillan.

HALL, Stuart; MASSEY, Doreen; RUSTIN, Michael. (2013) Framing Statement. *After Neoliberalism? The Kilburn Manifesto*. Londres: Soundings. Disponível em: http://www.lwbooks.co.uk/journals/soundings/manifesto.html

HALL, Stuart; WHANNEL, Paddy. (1964) *The Popular Arts*. Londres: Hutchinson Educational.

HALL, Stuart. (1993) Minimal Selves. *In:* Ann Gray e Jim McGuigan. *Studying Culture: an introductory reader*. Londres: Edward Arnold, p.134-138.

HALL, Stuart. (1997) A centralidade da cultura. Rev. *Educação e Realidade*. Vol.22, No.2, jul-dez. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=117:a-centralidade-da-cultura-notas-sobre-as-revolucoes-culturais-do-nosso-tempo&catid=8:multiculturalismo&Itemid=19

HALL, Stuart. (2000) Diásporas ou a lógica da tradução cultural. (Trad. Elizabeth Ramos) Conferência de abertura, VIII Congresso da ABRALIC Associação Brasileira de Literatura Comparada. Salvador, mimeo, 14 p.

HALL, Stuart. (2006) *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. (Org. Liv SOVIK) (1ª impressão revista) Belo Horizonte: Editora UFMG.

HALL, Stuart. (2007) Epilogue: Through the Prism of an Intellectual Life. In: Brian Meeks (org.). *Culture, Politics, Race and Diaspora: The Thought of Stuart Hall*. Kingston/London: Ian Randle/Lawrence & Wishart, p.269-291.

HALL, Stuart. (2013) Raça, o significante flutuante. Revista *Z Cultural* (PACC-UFRJ), Ano VIII, No.2. http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/

HALL, Stuart. (2014) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina (original 1992).

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; e SOVIK, Liv. (2005) O papa negro dos estudos culturais. Entrevista de Stuart Hall. *Jornal do Brasil*, Caderno "Idéias", 3 de janeiro, p.3.

LAWLEY, Sue. (2000) Professor Stuart Hall (entrevista). *Desert Island Discs*. Programa da BBC Radio 4. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/programmes/p0094b6r

SANTIAGO, Silviano. (2014) Stuart Hall e os movimentos diaspóricos. *Revista Brasileira* (Academia Brasileira de Letras). Fase VIII, jan-fev-mar, Ano III, No.78, p.195-201.

SOVIK, Liv. (2011) Pensando com Stuart Hall. In: GOMES, Itania Maria; JANOTTI JUNIOR, Jeder (orgs.). *Comunicação e Estudos Culturais*. Salvador: Edufba, p.49-62.

SOVIK, Liv. (2015) Stuart Hall and Writing Structured Like Music. *Small Axe*. No.46 (Vol. 19, No.1, março), p.109-116.